

Definição dos preços do gás, principal desafio de nova diretora da Petrobras

Cláudia Schüffner

Do Rio

Maria das Graças Foster assume hoje a diretoria de gás e energia da Petrobras, no lugar de Ildo Sauer, encarada pelo mercado como uma espécie de "salvação". Entenda-se: dela se espera uma solução para uma questão hoje crucial para a indústria de gás e eletricidade, que é a definição do preço do gás natural vendido para distribuidoras estaduais — a maioria sem contrato — e também para usinas termelétricas. Ela terá que continuar o processo de renegociação dos preços de gás com clientes da Petrobras, que reclamavam da nova fórmula de preços proposta pela estatal. Para isso, a nova diretora conta com uma aliada importante: a ministra-chefe da Civil, Dilma Rousseff, de quem é braço-direito (ver página A12).

"Maria das Graças tem uma agenda cheia para cumprir", resume o economista Adriano Pires, ex-assessor da Agência Nacional do Petróleo (ANP) e hoje no Centro Brasileiro de Infra-Estrutura.

Lucien Belmonte, superintendente da Associação Técnica Brasileira das Indústrias Automáticas de Vidro (Abividro), que reúne grandes consumidores de gás, espera mais alinhamento. "A área de gás e energia da Petrobras demonstrava que não havia um alinhamento de convicções entre governo — entenda-se secretaria de gás do MME —, Petrobras e as agências. Agora, espera-se um alinhamento, pelo menos do discurso".

Adriano Pires lembra que Ildo Sauer, que homenageou a filha Luisa Jacques Sauer em sua carta de despedida, não reconhecia a obrigação da Petrobras de vender gás para térmicas sem contrato de suprimento pelo preço do extinto Programa Prioritário de Termelétricidade (PPT).

Isso gerou grande desgaste. Por essa e outras questões, a estatal foi acusada de não ter gás para atender a todo o mercado por ter feito "overbooking" vendendo gás duas vezes contando com a pouca utilização do insumo para geração elétrica. Sauer sempre negou essas acusações dizendo que apenas quatro usinas fizeram contrato



Maria das Graças Foster terá que negociar com muitos clientes descontentes

com a Petrobras. Mas não é o que pensa a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), para quem o fato de uma térmica estar conectada ao sistema a obriga a gerar.

Nos quatro anos e oito meses em que foi diretor da Petrobras, Sauer não fez muitos amigos no mercado. A oferta insuficiente de energia hidráulica, que não tem crescido o suficiente para atender à demanda, levaram a um aumento da cota de participação da Petrobras no suprimento de energia e desgastou o relacionamento de Sauer com o diretor-geral da Aneel, Jerson Kelman. Troca de cartas entre Sauer, Kelman e o ex-ministro de Minas e Energia, Silas Rondeau, mostraram as diferentes visões sobre o assunto.

Com Dilma Rousseff, o desgaste começou logo no início do primeiro mandato de Lula, e em pelo menos uma reunião do Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) o tom se elevou. As brigas em torno do atendimento de energia para o mercado livre eram frequentes. Mais de uma vez Sauer e o presidente da Petrobras, José Sergio Gabrielli, puseram-se em campos opostos ao de Dilma Rousseff, Maurício Tolmas-

quim, presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), e Kelman.

Em uma discussão mais acalorada, no conselho da Petrobras, Gabrielli jogou o crachá na mesa e disse que seria melhor que o demitisses. Ganhou a discussão. Mas Dilma teria dito em várias ocasiões que Sauer não tinha capacidade de gestão.

O ex-diretor nunca negou suas críticas ao modelo elétrico desenhado pela ministra quando ela esteve à frente do MME. Em maio, ele recomendou que o presidente Lula mandasse o MME e a EPE contratarem toda a demanda de energia do país antecipadamente e com folga, resolvendo o problema dos consumidores livres, que vêm uma nuvem no horizonte sem possibilidade de contratação de energia nova, mesmo com preços mais altos.

Sauer nunca escondeu sua opinião sobre o modelo elétrico. Como está, ele acha que o país pode ter um novo apagão. E disse isso ao presidente Lula. Tanta franqueza parece ter incomodado Lula, que chegou a criticar Sauer para o senador José Sarney (PMDB-AP), dizendo que ele não poderia "desmoralizar" uma ministra na frente de outras pessoas.

Para se ter uma idéia do nível de desgaste, o ex-diretor resistiu o quanto pôde antes de assinar com a Aneel um Termo de Compromisso — fez questão de dizer que não iria assinar um Termo de Ajuste de Conduta (TAC) porque isso seria admitir uma culpa que a Petrobras não tinha — para testar a existência de gás para termelétricas. Só o fez por pressão do Planalto.

Na ocasião, Sauer explicou que um acordo verbal em Brasília suspendeu o compromisso por causa de dois pedidos do governo: atender as térmicas fluminenses durante os jogos Pan-Americanos no Rio e socorrer a Argentina. E se disse surpreso com as multas aplicadas pela Aneel como punição pelo fato de algumas usinas não terem gerado energia no período.

"Olhando o que aconteceu no setor nos últimos anos, fica claro que Dilma teve um posicionamento mais pró-Aneel e mercado e contra Petrobras, enquanto Sauer defendeu interesses da empresa na questão do preço do gás para térmicas, indo contra a Aneel. A questão agora é saber se Maria das Graças vai ceder, dando prioridade a termelétricas, relevando a questão de contrato e preço", diz Adriano Pires, que sempre teve posicionamento crítico contra a posição hegemônica da Petrobras no setor.

Politicamente, Sauer acumulou desafetos. Foi contrário à manutenção do contrato de suprimento de gás com a Ceará Steel, e se desgastou com o deputado federal Ciro Gomes e com a senadora Patrícia Saboya, ambos do PSB. Recentemente "atropelou" a Cemig quando a geradora mineira negociava a compra da térmica Juiz de Fora, da Cataguazes Leopoldina.

O governador de Minas Gerais, Aécio Neves (PSDB), levou o problema a Gabrielli e ouviu de Sauer que a intenção da companhia era comprar a termelétrica para desfazer o contrato de gás, que é do PPT e por isso muito barato (US\$ 3,70). Depois, poderia vendê-la para a Cemig. Mas a mineira acha que sem o contrato a usina perde atratividade. Também hoje José Eduardo Dutra assume a presidência da Petrobras Distribuidora.